

**UMA LEITURA DA POSIÇÃO DO ADULTO EM
REINAÇÕES DE NARIZINHO, DE MONTEIRO LOBATO, E
AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO, DE ÉRICO VERÍSSIMO**
AN INTERPRETATION ON THE ROLE OF THE ADULT IN
REINAÇÕES DE NARIZINHO, BY MONTEIRO LOBATO, AND
AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO, BY ÉRICO VERÍSSIMO

Berta Lúcia Tagliari Feba¹

Juliane Francischeti Martins Motoyama²

Resumo

Estudar a participação de personagens adultas em obras da literatura infantojuvenil pode revelar, de acordo com a solução dada pelo autor, o caráter dominador ou uma visão do ponto de vista infantil. Contrapondo os textos *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e *As aventuras do avião vermelho*, de Érico Veríssimo, podemos encontrar a representação de dois tipos característicos de adultos, completamente diferentes, que mudam o tom da narrativa. Na primeira situação, Monteiro Lobato estabelece, dentro do contexto do Sítio do Picapau Amarelo, a presença de duas personagens: uma funcionária e a avó, que não possuem domínio real sobre as crianças e acabam interagindo com as fantasias infantis, enquanto no segundo exemplo, Veríssimo faz uso da personagem do pai para dar voz ao discurso autoritário e moralizante sobre a criança. Diante destes dados, constituiu-se como objetivo geral deste estudo, analisar o papel desempenhado pelos adultos em cada uma das duas narrativas selecionadas e estabelecer um parâmetro de comparação entre ambas. O referencial teórico sobre personagens no contexto da narrativa infantojuvenil embasa esta reflexão, que se constitui, portanto, em uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Os resultados obtidos demonstram que a presença da personagem adulta na literatura infantil pode resultar em, basicamente, dois processos: emancipação ou doutrinação.

Palavras-chave: literatura infantojuvenil; *Reinações de Narizinho*; *As aventuras do avião vermelho*; relação adulto x criança.

Abstract

Studying the participation of adult characters in works of children's and juvenile literature can reveal, depending on the conclusion presented by the author, either an overbearing impress or a childish point of view. By opposing the stories *Reinações de Narizinho*, by Monteiro Lobato, and *As aventuras do avião vermelho*, by Érico Veríssimo, we can encounter the representation of two typical types of adults, extremely different, that change the tone of the narrative. In the former situation, Monteiro Lobato establishes, in the context of Sítio do Picapau Amarelo, the presence of two characters: a housemaid and a grandmother, who have no real control on the children and end up interacting with childish fantasies. In the latter situation, on the other hand, Veríssimo's story shows a character of a father to represent the authoritative, moralizing discourse on his children. Considering such data, the main objective of this study is to analyze the role developed by adults in both narratives as well as

¹ Docente do curso de Letras da Faculdade de Presidente Prudente-SP e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá-PR. E-mail: berta.tagliari@gmail.com

² Docente da EMEFEI do Espigão-SP, estudante do curso de Letras da Faculdade de Presidente Prudente-SP e mestranda em Educação pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho-SP. E-mail: ju_francischeti@hotmail.com

define parameters of comparison between them. The theoretical reference on characters in the context of children's and juvenile literature is basis for such reflection, consisting, thus, in a bibliographic and exploratory research. The outcome demonstrates that the presence of adult characters in children's literature can basically lead to two processes: emancipation or indoctrination.

Keywords: Children's and juvenile literature; *Reinações de Narizinho*; *As aventuras do avião vermelho*; relation adult x child

Introdução

O estudo da literatura infantil e a compreensão do que pode ser considerado um “texto literário” perpassa diversos aspectos como a análise do estilo e o estudo linguístico. Neste sentido, analisar textos e compará-los é parte importante do estudo de delimitação do material para a humanização do público leitor.

Para este estudo, confrontaremos duas narrativas de dois autores da segunda fase da literatura infantojuvenil brasileira (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988): Monteiro Lobato, com *Reinações de Narizinho* (1931), e Érico Veríssimo, com *As aventuras do avião vermelho* (1936).

Veríssimo, no livro *As aventuras do avião vermelho*, enfatiza a transmissão de valores, baseado na organização da família nuclear burguesa, formada por pai provedor, mãe dona do lar e filhos. Na narrativa, o pai substituiu a atenção e a educação do filho por brinquedos. Neste caso, o narrador adota um tom moralizante, colocando a personagem vítima, ou seja, a criança, como um vilão dentro do texto. Fernando luta para ter atenção dos pais e acaba por ser considerado um garoto “mau” (p. 4), sofrendo repressões por parte do pai, além de ser hostilizado pelo narrador autoritário.

Lobato, por sua vez, traz no *Sítio do Picapau Amarelo* um cenário dominado pelo universo infantil, onde a imaginação permeia todos os atos, surgem fatos, personagens novas e intrigantes. As duas crianças Narizinho e Pedrinho estão rodeadas por dois adultos: Dona Benta – a avó – que ama os netos e os mima, portanto raramente os repreende e, quando o faz, é de modo suave. A maior função da avó é a administração da propriedade. Tia Nastácia – a funcionária – quando chama a atenção das crianças, o faz brevemente e logo esquece, sendo que, na maior parte das vezes, chama Dona Benta para resolver os entraves, agindo sempre como uma terceira criança, de forma divertida e ingênua. As demais personagens que compõem a trama são animais e outros seres criados pela imaginação das crianças.

Muito se tem estudado neste campo das narrativas sobre o papel do narrador no sentido de restringir a literatura infantil (HUNT, 2010), no entanto, pouco se fala dos recursos utilizados pelos autores, a partir do uso de personagens adultas para direcionar e manipular o conteúdo textual. Diante desta constatação, este estudo pretende abrir novas possibilidades de pesquisas, dando ênfase aos recursos estilísticos que os autores fazem uso, através da ação de personagens adultas e da voz do narrador para demonstrar dominação ou consentimento sobre as crianças.

O problema desta investigação está direcionado para a compreensão de quais os elementos apresentados por Veríssimo e Lobato, em seus respectivos textos, focalizando os adultos, levam à emancipação ou à alienação do sujeito leitor. Essa problemática traz a hipótese de que os elementos léxicos selecionados e apresentados no discurso destes adultos podem trazer mensagens implícitas com conteúdo ideológico.

Portanto, neste contexto de busca pela significação da construção da personagem adulta no contexto da literatura infantil, tem-se como objetivo geral analisar o papel desempenhado por estas personagens em cada uma das duas narrativas selecionadas e estabelecer um parâmetro de comparação entre ambas, não para mensurar o melhor ou o pior texto, mas para: levantar os principais aspectos teóricos da literatura infantojuvenil, com ênfase nos livros *Reinações de Narizinho* e *As aventuras do avião vermelho*; descrever o papel dos adultos nestes dois textos, analisando estilisticamente o discurso de cada um e as consequências destes para a compreensão final do texto; diferenciar o adulto que conduz à liberdade, a partir do modelo emancipador, ou à alienação, com o modelo eufórico, propostos por Zilberman (2003).

Este trabalho constitui-se de pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, com abordagem qualitativa (GIL, 2002). Os dados são analisados qualitativamente (ANDRADE, 2003) e para a interpretação utilizam-se conhecimentos teóricos apresentados no referencial da pesquisa. Dessa maneira, com as informações obtidas a partir da análise das duas obras, verificou-se de que forma o discurso da personagem adulta de Veríssimo e de Lobato dialogam no contexto literário com o leitor infantil.

1 *Reinações de Narizinho*

Em 1921 ocorre a primeira mudança expressiva na literatura infantil brasileira, conforme afirmam Lajolo e Zilberman (1988), com o lançamento do livro de Monteiro

Lobato destinado a este novo segmento de público: o infantil. A obra denominava-se *A Menina do narizinho arrebitado* e foi recebida com grande entusiasmo entre os leitores e seus pais. A turma do Sítio do Picapau Amarelo conquistou o público, tornando-se um sucesso e em 1931 Lobato fez uma reedição lançando *Reinações de Narizinho*. A obra marcou o início da segunda era da literatura infantojuvenil brasileira.

Segundo Coelho (1993, p. 122) “foi Monteiro Lobato que, entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também a infantil”, portanto, a reunião das obras escritas durante dez anos e publicadas em 1931, revolucionou tudo o quanto se conhecia sobre literatura infantil, configurando um novo modelo narrativo com histórias a partir das aventuras de uma turma que trazia implicitamente o ideal de Brasil na concepção de Lobato.

Segundo Zilberman (2003), Monteiro Lobato rompeu com a tradição, até então existente no Brasil, de importação da literatura européia, valorizando elementos da tradição e o folclore nacional, criando heróis infantis em suas narrativas, além de nacionalizar personagens como o gato Félix e outras presentes nos contos de fadas europeus.

Em *Reinações de Narizinho*, o leitor depara-se com um universo fantástico, repleto de seres imaginários como um príncipe peixe, uma boneca falante, um sabugo de milho inteligente, um porco marquês, uma aranha costureira, um doutor caramujo, dentre tantas outras personagens só possíveis no universo infantil. Segundo Zilberman (2003, p.145), o grande êxito da obra está no uso de personagens infantis como heróis, “o que possibilita uma identificação imediata com o leitor”.

Candido (1972) apresenta algumas funções da literatura para o ser humano, sendo que uma delas denomina-se função psicológica. Essa função consiste na necessidade que todo ser humano tem de fantasia em sua vida, logo, todo o universo surreal do Sítio do Picapau Amarelo preenche de imediato esse imperativo.

Sobre o *Reinações de Narizinho*, Arroyo (1990) afirma:

[...] um livro absolutamente original, em completo, inteiro desacordo com as nossas tradições didáticas, [...], em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a amostra do que podem os livros. (ARROYO, 1990, p. 200).

Ao direcionar um olhar atento para o livro de Lobato é possível perceber que o autor utilizou-se de um fio íngreme que prende a realidade, a magia, dentro de um enfoque que valoriza o olhar da criança para as situações cotidianas, demonstrando uma possibilidade de vida para além do real. Logo no início do livro, o autor encaminha o seu leitor a um universo

mágico, no qual a descrição é tão poética e detalhada que aparentemente está ocorrendo diante dos olhos de quem lê.

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos. Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo embalada por um mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta de seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão - a maior das galantezas![...] até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. [...]. mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala.[...] Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente. - Muito boas tardes, senhor príncipe!-disse ele. [...]. (LOBATO, 2008, p. 13, p. 1)

Em diversos momentos dos textos que compõem *Reinações de Narizinho*, o autor funde fantasia com realidade, materializando personagens da imaginação das crianças que interagem e dividem experiências de vida com outras personagens humanas. Os adultos não advertem a criança ou o leitor sobre o que é real ou fantástico, restando-lhe a tarefa de identificar o limite entre a realidade e a fantasia a partir de dados oferecidos ao longo do texto: “Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas”. (LOBATO, 2008, p. 14, v.1)

Outro exemplo dessa submersão das personagens imaginárias no universo humano se dá quando os adultos do Sítio do Picapau Amarelo começam a interagir com as personagens do Reino das Águas Claras:

Tia Nastácia havia perdido o medo aos bichinhos depois que viu que não mordiam. Chegou até a ficar amiga íntima da senhorita sardinha, ou Miss Sardine, como era chamada no reino, [...] Miss Sardine fez grande camaradagem com tia Nastácia. Logo que chegou foi se metendo pela cozinha adentro, a examinar tudo com uma curiosidade de mulher velha. E não parava com as perguntas. (LOBATO, 2008, p. 120, v. 1).

O diferencial da obra de Lobato está justamente nesta sobreposição sem explicação do real com o imaginário. Em momento algum D. Benta ou Tia Nastácia questionam a possibilidade da realidade dos fatos que transcorrem. Essa postura gera um elo entre a fantasia e a realidade ocasionando uma verossimilhança para o texto. O leitor tem a fantasia endossada pela concordância de dois adultos que interagem com todas as demais personagens, sejam elas crianças ou animais personificados.

Em certo momento de aventuras, Tia Nastácia chega a questionar quando as crianças trazem um burro falante para casa: “Será possível, sinhá? Mecê acredita?...” (LOBATO,

2008, p.113, v. 2), e a avó prontamente responde: “Tudo é possível, Nastácia. Se papagaio fala, porque não há de falar um burro?” (p. 113, v. 2), e Pedrinho ainda explica: “Papagaio só repete o que a gente diz. Este burro pensa para falar.” (p. 113, v. 2). Dias depois, D. Benta, movida pela curiosidade de conhecer o Senhor La Fontaine, embarca em uma viagem ao País das Fábulas juntamente com os netos e os seres imaginários, utilizando o pó de pirlimpimpim outrora entregue por Peninha, dando aval à fantasia dos netos (p. 114-118, v. 2).

É a fantasia que subsidia a compreensão do mundo do leitor porque preenche espaços ainda não vividos devido à tenra idade, bem como ordena as experiências já adquiridas. Assim:

A adequação entre o texto e o leitor infantil parece depender de dois aspectos determinantes para despertar o interesse da criança: propiciar um processo de identificação com a personagem e preencher, através da leitura de mundo que é todo texto, as grandes lacunas de compreensão de seu pensamento. (MAGALHÃES, 1984, p. 144)

Todorov (1975) afirma que o que caracteriza os contos maravilhosos é esta fusão entre o real e o imaginário sem que isso seja demonstrado como ruptura da realidade. “Neste caso os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito” (TODOROV, 1975, p. 60). Portanto, a essência do conto maravilhoso não está apenas nas atitudes das personagens para com os acontecimentos, mas na natureza destes acontecimentos.

Lúcia é uma menina esperta a quem chamam Narizinho e mora no sítio com a avó D. Benta. Ela dá início a todas estas aventuras já na primeira história da coletânea, quando ao descansar perto do rio, “na raiz de um velho ingazeiro” (LOBATO, 2008, p.12, v. 1), conhece o príncipe Escamado, criando uma sequência de histórias. Pedrinho é o primo que mora na cidade e vem, nas férias, visitar a avó e a prima no Sítio do Picapau Amarelo. Juntas, as duas crianças trazem as personagens fantásticas para a trama.

A rigor, a partir das afirmações de Todorov (1975) confirma-se a necessidade de personagens crianças para tornar o conto maravilhoso mais acessível ao público infantil. A partir da inocência e da normalidade com que Pedrinho e Narizinho tratam os fatos, os adultos são imersos na trama e o leitor também encontra um espaço para conciliar os dois mundos. Portanto, as duas crianças são o elo do real e do imaginário dentro da construção narrativa.

Além das personagens, Coelho (1993) defende que a linguagem utilizada por Lobato no decorrer da narrativa também foi primordial para cativar o público. “Evidentemente, a linguagem que expressava tal fusão foi elemento fundamental. Fluente, coloquial, objetiva,

despojada e sem retórica ou rodeios, [...] é dos que ‘agarram’ de imediato o pequeno leitor.” (COELHO, 1993, p. 122). A criança passa a se identificar com as novas narrativas pela possibilidade de compreensão da linguagem.

Portanto, unindo diversos elementos na medida adequada, Lobato cria um universo no qual a infância e suas características são valorizadas e o fantástico é naturalizado sem perder sua magia. Para fixar-se enquanto literatura, *Reinações de Narizinho* traz diversos elementos verossimilhantes como uma boneca de pano (Emília) que, por nunca ter vivido na sociedade, é capaz de dizer verdades e trazer elementos da realidade sob outra ótica para o leitor, levando-o à reflexão; uma espiga de milho (Visconde de Sabugosa) que também nunca viveu na sociedade humana, mas acumula conhecimentos que busca nos livros; D. Benta, uma avó condescendente com as aventuras dos netos e uma empregada (Tia Nastácia) tão ingênua quanto Narizinho e Pedrinho. Essas duas personagens adultas que estão presentes nas aventuras serão foco mais detalhado de nossa análise.

1.1 Personagens adultas

No início do século XX, o crescimento da burguesia brasileira expande o mercado literário e a nova classe social passa a investir em livros, pois acredita no poder da educação para mudanças políticas. Nesse contexto, de acordo com Zilberman (2003, p. 205), a escola e a educação também recebem um novo *status*, “cabendo a ambas garantir a transmissão das normas sociais em vigor e a obediência aos interesses do Estado, quais sejam, a valorização da pátria e suas instituições”.

Segundo estudos desenvolvidos por Lajolo e Zilberman (1988), a educação era vista como o caminho para o progresso e neste novo modelo, por isso, a escola passa a transmitir a ideologia do estado. Zilberman (2003), ao analisar a literatura infantil, constata que, a partir da representação do núcleo da família burguesa, existem três formas de ideologia familiar disseminadas pelos textos infantis do período: modelo eufórico, modelo crítico e modelo emancipatório.

O modelo eufórico traz a família como o centro do conhecimento e da proteção, sem o qual a personagem mirim não pode sobreviver. Os adultos proveem todas as necessidades da personagem infantil, sejam elas materiais como emocionais. Considerando as narrativas analisadas, podemos colocar *As aventuras do avião vermelho* como uma representante desse modelo, afinal Fernando depende do auxílio do pai para viver suas aventuras.

Quanto ao modelo crítico, a personagem infantil contesta sua realidade, no entanto, não consegue efetuar mudanças ou libertar-se dela. O modelo emancipatório, por sua vez, é aquele no qual a criança consegue voz e atua dentro de sua história, sendo que o adulto passa a ser secundário para o desenvolvimento da narrativa. Neste último modelo, podemos colocar as crianças do livro *Reinações de Narizinho*, pois elss possuem voz e criam, a partir da própria imaginação, uma série de situações e personagens. Considerando o texto de Lobato, vemos que Pedrinho e Narizinho não necessitam das personagens adultas para viverem suas aventuras, sendo que a avó atua como uma provedora financeira.

1.1.1 A representação do adulto de Lobato: Dona Benta e Tia Nastácia

Monteiro Lobato inseriu duas personagens adultas no cenário de *Reinações de Narizinho*, sendo elas: Dona Benta, avó de Narizinho e Pedrinho e dona do sítio, e Tia Nastácia, uma “negra de estimação” (p. 12, v. 1) que trabalha como cozinheira e não censura as personagens infantis porque de início sequer compreende o imaginário que elas criam. Ademais, quando as crianças aprontam travessuras, a funcionária sempre chama D. Benta ou briga sutilmente, de maneira que a única personagem que a enfrenta e implica constantemente é Emília.

Santos (2008, p. 94) menciona que “Tia Nastácia é a primeira personagem que aparece na obra que pode ser vista como pertencente à camada da população mais pobre do sítio, uma vez que, descendente de escravos, provavelmente permanecera na casa de Dona Benta[...]”. Essa descendência dá à personagem um caráter social subalterno por toda a obra, próprio do contexto histórico, mas que em momento algum fora demonstrado como insatisfação pela mulher.

Quanto à relação das crianças com Tia Nastácia, Santos (2008) postula que o fato de a empregada não possuir herdeiros a torna mais próxima das demais personagens do Sítio. Por Tia Nastácia ter feito a boneca Emília e ajudado Dona Benta a criar a neta Narizinho, a relação da negra com a menina torna-se íntima.

Tia Nastácia tem voz, opina sobre os fatos que ocorrem no sítio, além de ser a pessoa que confecciona os bonecos das crianças como Emília e João Faz-de-Conta. A cozinheira na realidade traz consigo uma representação ampla da cultura popular brasileira, sendo uma conhecedora da culinária nacional e disseminadora das tradições (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988; SANTOS, 2008).

Para colocar Tia Nastácia no contexto do Sítio do Picapau Amarelo sem ser uma autoridade sobre as crianças, Lobato dá a ela características que, segundo Zilberman (2003, p.146) a deixam com “um nível intelectual que não ultrapassa o dos menores, sendo, às vezes, inferior”. A negra passa a ser a terceira criança da narrativa, que “diferentemente de Dona Benta, sempre aposta que as renações de Narizinho, Pedrinho e Emília, são resultados de alguma feitiçaria” (SANTOS, 2008, p. 96), ou seja, a personagem ainda ganha características que a tornam ingênua e mítica, representando a cultura popular, as crendices, os mitos e o senso comum.

Para Zilberman (2003), Dona Benta e o seu clã representam o primeiro modelo emancipatório da literatura infantil, pois por ser avó dos protagonistas, muda o perfil da relação entre a criança e o adulto, rompendo-se com a repressão e abrindo-se um novo espaço para o diálogo.

[...] recusando a intermediação dos pais na relação entre a criança e a realidade, coloca seus heróis numa posição de autonomia em relação a uma instância superior e dominadora. D. Benta, a avó, é antes uma governanta do Sítio (a ela cabem as tarefas de provisão econômica e alimentar, funções concomitantemente paterna e materna) e uma preceptora, ministrando o saber no momento em que é solicitada e fazendo com que as criaturas que vivem com ela se postem criticamente perante a realidade. (ZILBERMAN, 2003, p. 215).

De acordo com Santos (2008), o elo mais forte que existe entre as crianças e Dona Benta são as “contações de histórias”, principalmente os clássicos, que são utilizados para ensinar e fomentar a imaginação das crianças. Sempre após algumas das contações de história da senhora, os netos vivem uma aventura relacionada às personagens que conheceram, é o caso de quando escutam a história de Pinóquio e inventam o João Faz-de-Conta. Segundo Martineli e Machado (2012), a principal função da avó no Sítio, além de fornecer material onírico através de suas histórias, é ofertar o sustento material e transmitir conhecimentos, ou seja, formar os netos.

A partir da vivência entre adultos e crianças, Lobato cria um novo modelo familiar e hierárquico que Zilberman (2003, p.146) denomina “modelo emancipatório”, no qual as relações entre os indivíduos são redimensionadas e já não existe mais a sujeição infantil ao adulto. No Sítio do Picapau Amarelo, a avó desempenha todo o papel que caberia aos pais na vida dos pequenos, como providências financeiras, no entanto, com a compreensão e o carinho específicos das avós, sem as cobranças e repressões que um pai ou uma mãe poderiam

exercer. Além do mais, as crianças estão de férias, o que anula a participação de outra instituição de controle social: a escola.

Dona Benta é a administradora do Sítio e responsável por prover o sustento de todos, no entanto, por ser avó, é benevolente e participa das aventuras dos netos sem repreensões. A rigor, Santos (2008) apresenta outra característica emancipatória do texto de Lobato: o fato de não existir um adulto do sexo masculino. Na década de 1930 quando a obra foi escrita, o papel da mulher na sociedade era muito restrito, no entanto, Dona Benta toma a frente de seu tempo e administra uma propriedade rural, mesmo sendo uma “velha de mais de 60 anos”. (LOBATO, 2008, p. 12, v. 1)

Lajolo e Zilberman (1988, p.55) apontam para a modernidade da personagem, pois “Dona Benta está sempre atenta ao que se passa no mundo, possui cultura invejável e não se escandaliza com a tecnologia, embora renegue as consequências desta que considera nefastas”. Essa avó assume uma postura crítica diante de fatos como, por exemplo, a forma do livro infantil que era incompreensível para as crianças, por isso, a avó passa a lê-lo de uma nova maneira, o que facilita a compreensão das crianças do Sítio, um avanço para o seu tempo e sua idade.

Zilberman (2003) aponta que ao designar uma avó para administrar o Sítio, mesmo sendo esta uma representação do modelo moderno, Lobato resolveu a imagem da família, pois se não existem pais, evita-se o problema da repressão. Considerando-se a atuação de Dona Benta no conjunto de *Reinações de Narizinho*, vê-se que o seu papel é muito mais administrativo que doméstico, o que deixa a casa sob o suposto comando das crianças para suas fantasias. É a criança que ocupa espaço central na narrativa e tem seu mundo respeitado.

2 As aventuras do avião vermelho

De autoria do romancista brasileiro Érico Veríssimo, *As Aventuras do Avião Vermelho* foi lançado pela primeira vez em 1936 e narra a história de Fernando, descrito já na primeira página do livro da seguinte forma:

Era um menino muito gordo. Gordo e travesso. Travesso e brigão. Ninguém em casa podia com a vida dele. Fernando pisava no rabo do gato. Jogava água quente no cachorro. Atirava pedras nas galinhas. Fazia o diabo. Era respondão. Gostava de arranhar a cara da cozinheira e de botar a língua para os mais velhos. (VERISSÍMO, 2003, p.03).

Em seguida, o narrador apresenta a situação dos pais do garoto que viviam muito tristes, pois queriam que ele “fosse quietinho, obediente, bom...” (VERISSÍMO, 2003, p. 04), além de lastimarem a sorte de terem apenas um filho e este ser tão mal. O pai então começa um jogo de barganha com o pequeno e em troca de um bom comportamento oferece um prêmio. Nota-se uma clara referência à teoria behaviorista de estímulo e resposta.

O pai atua junto ao filho a partir do condicionamento operante, ou seja, para ter o presente o menino precisa se comportar. Bock et. al. (2001), a partir de seus estudos, apresentam a ciência do comportamento, desenvolvida por Skinner, que prevê o uso de estímulos positivos – neste caso o presente – para obter respostas desejadas – comportamento bom.

Papai passou a mão pela cabeça de Fernando e disse:

- Olha, se tu te portares bem hoje à hora do almoço, quando vier da rua te trago um livro de histórias.

Fernando deu um pulo:

- Traz mesmo pai?

- Trago.

- Então eu fico bem quietinho. [...] (VERISSÍMO, 2003, p.04 -05).

Na primeira troca, o pai trouxe um livro de aventuras de que o menino gostou muito e foi correndo para o quarto ler. A história girava em torno da personagem Capitão Tormenta que viajava pela África, China, Índia, Rússia e viveu grandes emoções. O menino riu muito com as histórias, mas começou a pensar na vida dele, assim descobriu que queria ser aviador e viver emoções como as do Capitão Tormenta.

Seguindo o “jogo” iniciado pelo pai, o garoto pede um avião em troca de não fazer mais travessuras, mas tinha de ser vermelho. Ao retornar do serviço, o pai trouxe o brinquedo, o menino ficou muito feliz e logo se pôs a brincar afirmando que agora se chamava Capitão Tormenta.

Naquele mesmo dia em que ganhou o brinquedo, Fernando estava na sala tomando seu leite, quando uma mosca começa a falar com ele e a perguntar por que não viajava em seu avião. Após a mosca se afogar no leite, o menino ficou o dia todo pensando no que ela havia dito e resolveu ir até o escritório do pai, que era engenheiro, para tentar diminuir de tamanho e entrar no avião. Encontrou uma lente do pai, a utilizou para ficar “pequeno” e entrar no avião, preparou as malas, levou Chocolate, seu boneco preto de louça, e o ursinho ruivo.

A solidão de Fernando então é amenizada e ele passa a viver suas aventuras em companhia do boneco e do urso. O avião neste caso é um objeto repleto de simbologia, pois possibilita que o garoto voe para longe de sua realidade e entre direto no mundo da fantasia.

Toda a aventura vivenciada por Fernando segue o que Zilberman (2003, p. 209) denomina de “modelo eufórico” e exemplifica a partir do comportamento das personagens porque “No início das histórias todas elas vivem fechadas em casa”. Ao compararmos a descrição da autora com as aventuras do menino e seu avião, podemos ver que existe um encadeamento de fatos.

Fernando não só vivia dentro de sua casa, como a maioria dos fatos se restringe ao ambiente do seu quarto, ou seja, além de estar inserido em um espaço privado – casa – a criança ainda tinha um lugar mais restrito que seria o seu quarto ou o escritório do pai.

A seguir, de acordo com Zilberman (2003, p. 209), “rebeldia mais o desejo de aventura determinam a fuga”, neste caso, por ser uma criança menor e frágil, além de estar restrita ao espaço doméstico, Fernando desloca-se para um mundo imaginário. Podemos notar que o motivo desta “fuga” do menino é a necessidade de aventura:

Mas no fim ficou triste, porque ele também queria ser aviador. Fechou o livro e começou a pensar. Teve uma ideia. Foi procurar o pai e pediu:
- Papai, quero um avião. Prometo não fazer mais travessuras. (VERISSÍMO, 2003, p. 06).

Após usar uma lente e diminuir o seu tamanho para começar suas aventuras, o narrador apresenta o local que o garoto chega deixando evidente o caráter imaginativo da ação, separando os dois mundos, diferentemente de Lobato que mistura a fantasia de Narizinho com a realidade dos adultos, confundindo o seu leitor.

Então o Capitão Tormenta levou o avião para a Lua.
Tudo lá era de gelo. As cidades, as casas, os automóveis e os homens. Os homens eram muito engraçados. Tinham pernas de sapo e olhos de mosca. (VERISSÍMO, 2003, p.21).

Piovesan e Niederaurer (2003) afirmam que estas aventuras de Fernando não levaram a personagem a um amadurecimento, pois ocorreram no mundo da fantasia, no espaço da casa, logo o garoto não se emancipou, pois ainda que sonhasse, estava preso ao espaço físico da residência. Na mesma abordagem, Lajolo e Zilberman (1988) assinalam que para realizar seus desejos de liberdade, Fernando sonha com uma aventura, mas ao final é obrigado a voltar à realidade.

[...] as personagens, crianças na sua maior parte, não se satisfazem com seu cotidiano e almejam suplantá-lo, o que se viabiliza por meio de uma viagem. Esta, por menos imaginária que possa parecer, tem resíduos oníricos: porque, ou transcorre durante a noite, ou não tem testemunhas, ou, após o término dela, os meninos “acordam” de um modo ou outro. Além disso, ela guarda do sonho sua mais exata significação: a de realização dos desejos. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, p.63).

Zilberman (2003, p. 209) apresenta então a última característica do modelo eufórico que fecha a narrativa, pois “voluntariamente ou não, esses aventureiros sempre retornam” para o lar e “Fernandinho acaba em casa, repreendido pelo pai”. Observando a sequência que marca o retorno do menino à realidade, esta última característica fica evidente. Após um acidente com um zepelim que entrou no nariz do sol, o avião de Fernando começa a descer e os seus ocupantes caem dentro de uma chaminé, descobrem que estavam no Brasil e decidem crescer novamente.

Subiram os três em cima da mesa. Agarraram a lente que aumenta as coisas. Empurraram a lente para a beira dum livro grosso. Depois os três ficaram parados debaixo do vidro de aumento. E foram crescendo, crescendo... Fernandinho bateu com a cabeça no vidro. E continuou a crescer, a crescer, até que ficou como era antes.

A porta do escritório se abriu. Papai apareceu. (VERISSÍMO, 2003, p.42).

Lajolo e Zilberman (1988) apontam para a problemática da falta de independência das personagens que, como Fernando, estão inseridas no modelo eufórico.

Os meninos dão vazão a seu imaginário, que exige o abandono do lar, cuja vida prosaica é insatisfatória, e iniciam um percurso por regiões mágicas, as quais são mais interessantes que a existência doméstica limitadora. Por sua vez, a intervenção das crianças no mundo da fantasia é muito reduzida, principalmente nos livros de Érico Veríssimo, em que apenas em raras ocasiões os heróis conseguem, por seus próprios recursos, resolver os problemas, passando a depender então de um auxiliar adulto ou não alcançando sair de sua posição inicial. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, p. 63).

Segundo Zilberman (2003), este modelo de herói que vive grandes aventuras, mas volta para o seio do lar é comum neste modelo eufórico por promover a família como um recanto seguro que não deve ser abandonado. Neste modelo narrativo, a criança, mesmo abandonando a família temporariamente para viver aventuras, volta, pois depende dos pais – e neste aspecto prevalece a figura masculina – para viver uma vida plena.

2.1 Os pais de Fernando

Os pais de Fernando poucas vezes são mencionados no decorrer da história, no entanto, são elementos fundamentais, principalmente o pai, para que a aventura do menino e seu avião aconteça. É o genitor que dá o livro ao menino e depois o avião, dois elementos importantes para o desenrolar da trama.

Zilberman (2003, p. 210) ressalta que, neste modelo eufórico, são os “progenitores as figuras que detêm o poder e a razão [...] É o pai de Fernando que lhe doa o livro e, mais tarde, o avião, objetos que estimulam a fantasia do menino e o desejo de voar [...]”. Assim, sem a figura do pai a história não aconteceria.

O pai de Fernando não só fornece o material para sua aventura como também em algumas partes ensina o menino e demonstra toda sua falta de conhecimento diante do adulto, no caso, um engenheiro. Segundo Aguiar (2005) este diálogo entre pai e filho é intencional, ou seja, para transmitir conhecimentos ao leitor:

Certo dia, papai lhe mostrou o globo e disse:
- Meu filho, o mundo é assim redondo.
- Então o mundo é uma bola? – perguntou Fernando.
- Sim, senhor.
- Então a gente podia brincar de jogar bola com o mundo?
O pai desatou a rir.
- Não diga bobagens menino!
[...]
- Não vejo nada. Não vejo o senhor. Não vejo nossa casa, o nosso gato...
- Tu és muito bobinho! (VERISSÍMO, 2003, p.11 – 12).

Neste diálogo percebe-se o quanto o pai é colocado como superior ao menino, pois lhe transmite conhecimentos e sempre que a criança tem uma resposta na qual utiliza elementos imaginativos o pai lhe chama de “bobinho” ou pede para que “não diga bobagens”. Aguiar (2005), ao estudar a obra de Veríssimo, pontua que esta característica do adulto de estar sempre ensinando o mais jovem é muito presente em alguns de seus livros.

A proposta da obra é que, a partir da representação de uma criança que faça travessuras, ocorra a comoção do leitor e o leve a refletir sobre o próprio comportamento, uma vez que “verificamos a proposição de mudança de comportamento do leitor, quer pela aquisição do saber, quer pela assimilação dos valores adultos, mesmo que a aceitação das normas impostas aconteça por conveniência”. (AGUIAR, 2005, p. 46- 47)

O pai de Fernando já no início da obra assume uma postura de vítima pela voz do narrador que afirma: “O pai e a mãe de Fernando viviam muito tristes. Só tinham aquele filho. Queriam que ele fosse quietinho, obediente, bom...” (VERISSÍMO, 2003, p. 04). Entretanto, o

pai não busca compreender o que se passa com o filho, apenas oferece um presente em troca de seu comportamento. Ao fazer uso deste método de condicionamento do comportamento do filho, o pai não o estava educando ou auxiliando a refletir sobre seus problemas, mas sim o programando para trocar favores por atitudes.

Durante toda a aventura que Fernando vive, o pai está fora da história e só reaparece no momento em que o menino tem que retomar a sua vida real. Novamente volta a tratar o menino com palavras pejorativas, como “menino travesso” e “menino mau” (p. 3-4), sem buscar ouvir do filho o que de fato havia acontecido. Nota-se, com isso, a assimetria entre os desejos do adulto repressor e as ações do menino.

Assim, percebe-se que é o plano familiar que diminui o herói. Mesmo que a ação do menino não seja impedida, ela acontece unicamente no imaginário e na companhia de bonecos. Fernandinho, confinado estreitamente ao universo familiar e sem amigos humanos, só pode “escapar” em aventuras fantásticas, que o transportam a vários lugares, menos para fora de casa. Na verdade, ele nunca abandonou a casa, pois suas aventuras têm lugar apenas na imaginação. (PIOVESAN e NIEDERAUER, 2003, p. 226).

O pai de Fernando representa o ideal do modelo eufórico, pois traz para a cena uma verossimilhança com o cotidiano infantil, desta forma o leitor se sente confortável, já que está acostumado a ser diminuído, viver sob um círculo autoritário que tem o adulto como personagem central. O adulto provê as necessidades das crianças, por isso, o desejo do retorno ao lar para se sentir seguro, por melhor que tenha sido a aventura.

Zilberman (2003, p. 211) aponta que este retorno da criança para o lar é confortável para o leitor, pois é somente no círculo doméstico que essa criança pode se reconhecer em Fernando, assim a criança é levada “a prestigiar não apenas sua circunstância, mas os papéis adultos e dominadores exercidos pelos pais.”

3. A ideologia vinculada à personagem adulta na literatura infantojuvenil

A partir de estudos com os materiais de literatura infantojuvenil produzidos no Brasil durante a curta história do livro para crianças, Lajolo e Zilberman (1988) puderam trazer alguns dados novos sobre o papel de diversas personagens na representação do ideal infantil e social. As autoras apresentam as diferenças entre o modelo emancipador proposto por Lobato que cria um Sítio onde as crianças aprendem a partir de aventuras imaginárias, vivências reais

e contação de histórias da avó, e o modelo alienador apresentado por Veríssimo que defende a família burguesa com a autoridade paterna.

A partir de resultados de suas pesquisas, Zilberman (2003) afirma que Lobato, para não criar a família e correr o risco de adentrar no modelo eufórico, faz um novo núcleo para habitar o Sítio de Picapau Amarelo composto por uma avó moderna, uma negra que trabalha nos afazeres da casa, os dois netos – Pedrinho e Narizinho – e outras personagens geradas pela imaginação das crianças como Emília, Visconde e Rabicó.

Os pais de Pedrinho são vivos, mas vivem na cidade, longe do Sítio e sem controle sobre as aventuras do menino. De acordo com Bertolucci (2009) este período do menino no Sítio é considerado o ideal para viver aventuras com liberdade, pois está longe das instâncias controladoras: escola e pais. Os progenitores de Narizinho já faleceram e ela foi criada desde pequena pela avó e por Tia Nastácia, no entanto, em momento algum a menina se queixa da ausência dos pais, pois ela é livre e independente.

Érico Veríssimo, muito embora “tenha sido produzido à sombra de Lobato” (ZILBERMAN, 2003, p. 209), traz Fernando, filho único de uma família nuclear, na qual o pai é o provedor. Piovesan e Niederauer (2003) defendem que esta estrutura familiar burguesa, também demonstra o plano social e pessoal da criança no seio familiar, ou seja, é sujeita ao pai que é o chefe.

Esta diferença no modelo familiar apresentado por cada obra é importante para que se pense no papel do leitor. Para Zilberman (2003) a forma como a família de Fernando se apresenta, leva a criança à alienação, pois ela passa a prestigiar essa postura autoritarista do pai que pune para ensinar.

As diferenças entre os mundos adultos e infantis são bem pontuais nas duas narrativas analisadas, no entanto, Dona Benta e, mesmo com certa dificuldade, Tia Nastácia, acabam por embarcar na fantasia das crianças, enquanto o pai de Fernando repreende o menino quando responde algo fora da realidade, chamando-o de “bobinho” (VERÍSSIMO, 2003, p. 12) ou punindo-o. O uso recorrente de diminutivos pelo narrador ou pelo pai de Fernando nos diálogos também demonstra a distância entre eles e o garoto: “Os olhinhos de Fernando brilharam como bolitas de vidro” (VERÍSSIMO, 2003, p. 12); “Fernandinho” (p. 10, 12, 14 etc). Esse recurso, assim como a ignorância do menino e a relação entre os entes da família, infantilizam-no e o colocam em posição de inferioridade diante dos adultos. De acordo com Piovesan e Niederauer (2003), esses modelos são pontuais, pois dão à criança o acesso à fantasia e, ao adulto, o controle social, reforçando a ideia de que cabe à criança a aceitação das punições de seu pai ou a possibilidade de reflexão.

Aguiar (2005) postula que ao trazer ensinamentos para o interior de seu texto, Veríssimo buscava criar uma criança sujeitada que seria um adulto livre. Entretanto, é o modelo lobatiano o mais adequado para a emancipação, como aponta Zilberman (2003), por possibilitar que as crianças vivenciem os momentos e se coloquem, desde cedo, criticamente diante da realidade.

Bertolucci (2009, p. 194) menciona que o diferencial da família do Sítio é que “a relação que ela [D. Benta] firma com os netos não se baseia no mando ou na proibição, mas sim na orientação” e que a aprendizagem das crianças se dá a partir da experimentação, enquanto o pai de Fernando, do modelo eufórico, é considerado o provedor e senhor do lar e o plano familiar diminui a criança (PIOVESAN, NIEDERAUER, 2003).

Considerações Finais

Este estudo buscou, a partir de uma pesquisa bibliográfica, compreender quais elementos nos textos *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e *As aventuras do avião vermelho*, de Érico Veríssimo podem levar à emancipação ou opressão do sujeito leitor por meio da posição do adulto em sua relação com as crianças. Os resultados comprovam que tanto a linguagem, matéria-prima da literatura, quanto as ações desses adultos estão carregadas de conteúdo ideológico que direcionam o entendimento por parte do leitor.

A partir de uma análise de cada uma das narrativas e de um confronto entre elas, constatou-se que as personagens adultas do Sítio do Picapau Amarelo, Dona Benta e Tia Nastácia, constituem o modelo de família denominada por Zilberman (2003) de emancipatório, pois não exercem autoridade sob as crianças nem impedem sua imaginação, ao contrário, libertam-nas e motivam posicionamento crítico.

Dona Benta, por ser avó, possui o seu controle sobre as crianças rompido e dentro do contexto geral da obra atua como administradora do Sítio e contadora de história. Tia Nastácia, a “negra de estimação” da família, ajudou a cuidar de Narizinho desde pequena e continua na casa como uma legítima representante da cultura popular brasileira. É boa cozinheira e confecciona os bonecos que irão povoar o imaginário de Narizinho e Pedrinho.

O texto de Veríssimo, *As aventuras do avião vermelho*, tem como personagem principal o menino Fernando, que vive enclausurado em sua própria casa e faz muita bagunça, no entanto, o pai descobre uma forma de controlar o filho: trocar presentes por bom comportamento.

O primeiro presente foi um livro que leva a um avião, o desencadeador de todas as aventuras que o garoto viveu no plano imaginário. Fernando sente a vida monótona e a necessidade de viver uma aventura, para isto, no papel de Capitão Tormenta, precisava sair de casa. Como não dispõe de recursos para fugir do espaço físico da casa, o menino vive uma aventura juntamente com um boneco e seu urso dentro do escritório do pai. Este último fica furioso ao perceber toda a bagunça que o filho havia feito em seu local de trabalho.

O grande diferencial entre as duas famílias analisadas, do ponto de vista do adulto, é a forma como cada uma lida com a imaginação da criança. Enquanto Dona Benta apoia e chega a participar de eventos com as personagens dos contos de fadas para agradar aos netos, o pai de Fernando repreende duramente o menino e nada quer saber sobre o que ocorreu. Na história de Veríssimo, os adultos possuem o poder e a razão, a personagem infantil está aprisionada no circuito familiar, não tem autonomia e conseqüentemente o leitor também sente este domínio a partir do contato com o texto. A visão de Dona Benta para com as crianças do Sítio é considerada emancipatória porque da a possibilidade da experiência para a criança, ou seja, as personagens, como crianças, podem aprender e se divertir sem a dominação do adulto.

Neste sentido, o tema da relação entre adulto e criança está fortemente relacionado ao caráter ideológico das narrativas analisadas. É esta a relação que estabelece uma analogia com a vida do público leitor porque se vê representado no mundo ficcional, tanto por seu porte físico quanto pela falta de poder diante do adulto. Especificamente,

a literatura infantil possui um tipo de leitor que carece de uma perspectiva histórica e temporal que lhe permita pôr em questão o universo representado. Por isso, ela é necessariamente formadora, mas não educativa no sentido escolar do termo; e cabe-lhe uma formação especial que, antes de tudo, interrogue a circunstância social de onde provém o destinatário e seu lugar dentro dela. (ZILBERMAN, 1984, p. 134) .

Em resumo, as crianças dessas tramas de Lobato e Veríssimo buscam liberdade e fantasia, mas é o modo como se relacionam com os adultos que determina a diferença entre autonomia ou repressão. Voltar o olhar para a participação de personagens adultas em obras da literatura infantojuvenil, portanto, pode demonstrar o caráter doutrinador ou emancipatório, estratégia que depende da solução dada pelo autor.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O contador de histórias para crianças e jovens**. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>> Acesso em 11 de Nov. de 2012.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. Reinações de Narizinho: um livro “estupendo”. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Orgs) **Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e Cultura. São Paulo, v 24, n. 9, p. 803-809, setembro de 1972.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática., 1988.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2008. Volume 1.

_____. **Reinações de Narizinho**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2008. Volume 2.

MAGALHÃES, Lígia Cademartori. Literatura infantil brasileira em formação. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. (p. 135 - 152)

MARTINELLI, Laís Pacífico; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Monteiro Lobato e a Educação: O ideário pedagógico expresso na persona Dona Benta**. Disponível em <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/3033/54>> Acesso em 19 de nov. 2012.

PIOVESAN, Paula Bellé; NIEDERAUER, Sílvia. **Veríssimo e a Literatura Infantil. *Disciplinarum Scientia***. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 215-

228, 2003. Disponível em < <http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2003/verissimo.pdf>> Acesso em 01 de Nov. de 2012.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e suas seis personagens em busca da nação**. Marília, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 144 f. 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VERISSÍMO, Érico. **As aventuras do avião vermelho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. (p. 61 - 134)

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.